

O DILEMA DA "ESCOLHA DE SOFIA" NAS EXPORTAÇÕES DE AÇÚCAR PELO BRASIL

Alceu Veiga Filho¹

1 - INTRODUÇÃO

A participação do valor das exportações de açúcar em relação ao valor total das exportações brasileiras passou de 2% no início da década de 1990 para 4% no final. Isso significou crescer de US\$600 mil para US\$1,9 milhão, apesar da queda vertiginosa dos preços recebidos por esse produto nos mercados internacionais, os quais acumularam decréscimos de 49% entre 1995 e 1999. Ou seja, de uma média de US\$307,9/t, FOB, recebida em 1995, ano de preços mais elevados, reduziu-se para US\$157,5/t, em 1999.

O crescimento desse valor foi, portanto, resultante do aumento no *quantum* das exportações de açúcar. Em 1991 o Brasil colocava no mercado internacional o volume de 1,3 milhão de toneladas, 4% do total exportado no mundo, chegando no final de 1999 a exportar 12,1 milhões de toneladas, uma expressiva participação próxima de 30% do volume de açúcar comercializado nos mercados internacionais.

A previsão da safra industrial brasileira de 2000/01 é de uma produção em torno de 14,5 milhões de toneladas, contra 19,5 milhões na safra de 1999/00, representando redução da ordem de 26%, o que, segundo noticiado pela imprensa, projetaria uma quantidade a ser exportada de 5,5 milhões de toneladas. Essa redução, mantido o volume esperado de exportação mundial em 33,0 milhões de toneladas, estaria revelando um *market share* em torno de 17%, bem inferior ao alcançado, embora mais próximo da participação histórica verificada. Todavia estaria revelando, também, uma queda de 55% relativamente ao exportado até o final de 1999 e uma queda de 35% se comparada à quantidade exportada em 1998, que foi de 8,4 milhões de toneladas.

Um pequeno exercício estatístico, com dados da série 1992 a 1998, simularia um volume

para a exportação do açúcar nacional em 9,7 milhões de toneladas para 2000. Nesse caso, desconsidera-se o nível de exportação da safra passada, já que somente a Rússia importou a quantidade de 4,2 milhões de toneladas, muito acima da quantidade normalmente importada por esse país. Com uma variação para menor em 2,1 milhões (valor de um desvio-padrão da série), poderíamos esperar um volume mínimo de exportação de 7,6 milhões de toneladas. Comparando-se esta última estimativa com a previsão de 5,5 milhões de toneladas, a redução seria de quase 30% no potencial brasileiro de participação no mercado internacional.

Os preços praticados no mercado interno estiveram persistentemente superiores aos preços praticados no mercado externo, durante todo o ano-safra 1999/00, e as estimativas de perdas de matéria-prima para a safra 2000/01 provocaram alta nos preços domésticos de açúcar e de álcool, influenciando, também, na recuperação recente dos preços externos. Assim, o dilema que se apresenta é aqui sumariamente descrito como: migrar para o mercado interno, visando à garantia de suprimento desses produtos e de rentabilidade empresarial a curto prazo, ou manter a elevada participação no mercado externo visando a uma estratégia de longo prazo de expansão.

Evidentemente, o dilema permite um arco amplo de escolhas entre os extremos, mas o que se quer ressaltar é que a opção para a meta de 5,5 milhões de toneladas pode significar simplesmente uma exploração menos eficiente dos possíveis caminhos que se apresentam. Corre-se o risco de deixar para trás a árdua conquista de parcelas expressivas dos mercados internacionais de açúcar, concretizada nesta década de 1990.

Posta a questão dessa forma, apresenta-se, a seguir, um estudo dos efeitos explicativos sobre as exportações do açúcar brasileiro como forma de contribuir para as possíveis estratégias empresariais e de políticas públicas que ajudem a solucionar o dilema da "Escolha de Sofia" da atual conjuntura do setor sucroalcooleiro nacional.

¹Economista, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

2 - PORQUE O BRASIL CONSEGUIU AMPLIAR SUAS EXPORTAÇÕES DE AÇÚCAR

Há várias razões explicativas sobre as quais se credita o crescimento sustentado das exportações do açúcar brasileiro nesta última década do século XX, categorizadas como as de origem externa e as de origem interna. O fim do acordo bilateral URSS-Cuba, que pode ser considerado a principal razão externa, possibilitou ao Brasil ocupar o lugar de Cuba no comércio de açúcar com os países da antiga URSS. Internamente, a principal razão foi a participação crescente das exportações originadas no Estado de São Paulo, cujos custos de produção do açúcar são mais competitivos do que os custos existentes nas restantes regiões produtoras do País, situação esta ocasionada a partir do processo de desregulamentação representado pelo fim do intervencionismo do governo federal sobre a economia canavieira.

3 - MODELO DE PARCELAS DE MERCADO E SEUS RESULTADOS PARA A DÉCADA DE 1990

O objetivo central deste estudo é o de transformar essas e outras causas em categorias traduzidas numericamente, para poder classificá-las e assim determinar a sua importância relativa, o que é feito a seguir.

Aplicou-se o modelo de parcelas de mercado, descrito por CARVALHO et al. (1988)², na base de dados da SECEX/DECEX, que relaciona quantidades e valores exportados de açúcar para todos os países importadores, juntamente com a base de dados do USDA que estabelece o balanço de oferta e demanda de açúcar no mundo. O período básico analisado vai de 1992 a 1999, composto na forma quadrianual e regionalizado pela divisão geo-política seguida pelo USDA.

Esse modelo separa as variações nas quantidades importadas de um produto qualquer em três componentes que podem, total ou parcialmente, anular-se, compensar-se ou acumular-se e que são denominados: efeito-tamanho de mercado, efeito-competição e efeito-distribuição.

²CARVALHO, Flavio C.; YOSHII, Regina J.; NOGUEIRA JUNIOR, Sebastião. Efeitos do acordo internacional do açúcar sobre a participação brasileira em mercados importadores. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v.35, t. único, p.1-6, 1988.

O primeiro efeito busca medir qual é o impacto da alteração no volume do comércio mundial em um determinado país exportador, ou seja, o mercado global cresce/decresce e as importações sobre o país exportador crescem/decrescem na mesma proporção. O segundo efeito estima o resultado das alterações sobre o país exportador nas parcelas importadas pelas regiões, o que é suposto medir vantagens ou desvantagens competitivas - em preços e qualidade, por exemplo - uma vez que ganhos ou perdas individuais estariam fortemente condicionadas por essas características. Por último, o efeito-distribuição busca verificar a concentração/dispersão do país exportador nas regiões importadoras.

O arranjo dos dados de importação por região geo-política pode ser visualizado na tabela 1 que serve de base para as estimativas dos efeitos nas exportações, os quais são discriminados na tabela 2.

Na primeira tabela, pode-se verificar que os principais mercados para o açúcar brasileiro estão na África, Ásia e antiga União Soviética que, conjuntamente, absorveram, nos dois períodos, mais de 80% das exportações brasileiras de açúcar. Ressalte-se a importância da região norte da África, onde, atualmente, os principais países importadores (Tabela 3) são o Egito, a Líbia (país pertencente à OPEP) e o Marrocos, seguidos dos países pertencentes ao Oriente Médio, onde se destacam a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Irã, todos países produtores de petróleo. Finaliza-se com a região dos países da antiga União Soviética, com absoluto destaque para a Rússia, individualmente o maior país importador do açúcar brasileiro (em 1997 importou 1,4 milhão de toneladas, em 1998 importou 1,7 milhão de toneladas e, em 1999, importou a extraordinária quantidade de 4,2 milhões de toneladas).

Em termos dos efeitos, tem-se que o efeito-tamanho de mercado explica 14,13% das exportações do açúcar brasileiro para o mundo, enquanto 88,74% são explicados pela maior competitividade do parque agrícola-industrial produtor - e, também, pelos ganhos na logística da distribuição do produto³. Finalmente, uma pequena descompensação, ocasionada pelo efeito-distribuição, indica ligeira concentração regional.

³Um exemplo a ser mencionado é o da redução dos custos portuários advinda dos terminais privados.

TABELA 1 - Importações de Açúcar por Regiões Geo-Políticas, Total e Brasil, Períodos 1992/93-1994/95 e 1996/97-1998/99

(em t)

Região geo-política	1992/93-1994/95		1996/97-1998/99		Parcela do Brasil em 1992-95 (%)	Parcela fixa ¹
	Quantidade importada no mundo	Quantidade importada do Brasil	Quantidade importada no mundo	Quantidade importada do Brasil		
África - Norte - Saara	9.464.000	3.222.790	11.185.000	5.316.532	34,05	3.808.845
África Subsaariana	6.909.000	2.623.080	8.123.000	4.849.306	37,97	3.083.989
Oceania	823.000	613	924.000	323.956	0,07	688
América Central e Caribe	886.000	93.934	1.174.000	265.547	10,60	124.468
Ásia - Oriente Médio	14.258.000	1.798.433	17.598.000	5.215.911	12,61	2.219.724
Ásia - restante	31.427.000	3.082.190	35.685.000	3.490.343	9,81	3.499.792
América do Sul	3.766.000	674.730	4.158.000	810.739	17,92	744.962
América do Norte	11.866.000	665.031	13.531.000	2.091.024	5,60	758.346
Europa - União Européia	8.466.000	470.032	7.260.000	310.589	5,55	403.075
Europa Ocidental - outros	1.340.000	23.778	1.397.000	3.043	1,77	24.789
Europa Oriental	3.491.000	416.329	3.295.000	1.005.689	11,93	392.954
Outros países não-identificados	-	40.269	-	-	-	-
Ex-URSS	23.317.000	1.882.227	23.052.000	8.445.860	8,07	1.860.835
Total	116.013.000	-	127.382.000	-	-	-
Não-registrados²	3.634.000	-	11.583.000	-	-	-
Total geral	119.647.000	14.993.436	138.965.000	32.128.539	12,53	16.922.467

¹Quantidade que seria importada do Brasil no último período, mantidas as parcelas do período anterior.

²Utilizado pelo USDA para equalizar o saldo entre exportações e importações.

Fonte: USDA. Sugar and Sweetener: situation and outlook yearbook. Washington, Dec. 1996 e USDA [online] Disponível: www.usda.gov [capturado em 27 de jul. 99] para os dados primários de açúcar bruto no mundo. SECEX/DECEX, para os dados primários para todos os tipos de açúcar exportado pelo Brasil.

TABELA 2 - Efeitos nas Exportações de Açúcar Estimados pelo Modelo de Parcelas de Mercado

Efeito	Cálculo ¹	Quantidade (t)	Participação (%)
Tamanho de mercado	PB - M1	2.420.814	14,13
Competição	M2 - QB	15.206.072	88,74
Distribuição	QB - PB	-491.783	-2,87
Total	M2 - M1	17.135.103	100

¹Variáveis do modelo de parcelas de mercado:

M1: quantidade importada do Brasil no primeiro período (14.993.436t).

M2: quantidade importada do Brasil no segundo período (32.128.539t).

PB: calculado pela participação brasileira no mercado mundial no primeiro período sobre a importação total mundial verificada no segundo período (17.414.250t).

QB: soma das quantidades que seriam importadas do Brasil no segundo período, caso fosse mantida a mesma parcela das importações das regiões do primeiro período (16.922.467t).

Fonte: Dados da tabela 1.

TABELA 3 - Quantidade de Açúcar Brasileiro Exportado para Regiões Geo-Políticas/Blocos Econômicos e Países, 1992 a 1999

	(em t)								(continua)
Região geo-política	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	
África									
Região Norte - Saara									
Argélia - OPEP	14.582	36.051	54.228	275.286	371.647	90.453	100.800	201.529	
Egito - Oriente Médio	237.772	237.605	93.310	737.485	348.134	506.643	772.847	1.011.573	
Líbia - OPEP	42.850	81.900	26.300	58.050	108.508	74.150	13.000	79.200	
Marrocos	300.080	211.952	152.072	393.961	235.718	384.507	469.784	241.847	
Mauritânia	0	0	0	6.600	6.600	0	0	20.480	
Tunísia	82.175	117.581	38.850	24.100	47.100	54.950	81.640	95.422	
Subtotal	677.459	685.089	364.760	1.495.482	1.117.707	1.110.703	1.438.071	1.650.051	
Região Sul - Subsaara									
África do Sul	0	17.243	2.085	49.991	12.500	27.522	0	22.003	
Angola	57.688	51.078	15.943	26.586	33.964	57.488	48.050	87.038	
Botsuana	0	0	0	0	0	0	13.125	0	
Moçambique	0	12.805	21.495	0	32.236	14.000	3.000	505	
Namíbia	0	0	0	0	14.000	0	0	430	
Zimbábue	0	0	0	0	14.000	0	0	0	
Subtotal	57.688	81.126	39.523	76.577	106.700	99.010	64.175	109.976	
Região Leste - Subsaara									
Djibuti	0	0	8.500	18.000	11	3.011	25.006	52.000	
Etiópia	0	0	0	800	14.000	0	0	14.000	
Madagascar	0	0	3.750	0	14.900	1.750	0	0	
Quênia	42.600	18.700	62.800	71.767	37.555	23.300	57.002	28.350	
Seychelles	0	0	43	0	0	0	0	0	
Somália	13.650	13.000	68.063	38.600	50.642	85.800	107.600	221.510	
Tanzânia	11.000	0	9.500	13.300	0	24.000	30.085	7.000	
Subtotal	67.250	31.700	152.656	142.467	117.108	137.861	219.693	322.860	
Região Oeste - Subsaara									
Benin	0	1.010	0	0	0	0	0	7.750	
Burkina Faso	0	0	0	0	0	0	5.000	4.100	
Cabo Verde	54	1.560	96	51	9.986	217	210	154	
Costa do Marfim	0	6.000	20.800	14.000	77.400	13.000	35.948	35.500	
Gâmbia	0	2.500	3.000	14.702	4.900	27.587	42.562	77.145	
Gana	35.650	54.500	32.000	81.850	76.350	108.479	230.143	129.956	
Guiné	0	0	0	150	0	22.921	2.528	14.940	
Guiné-Bissau	4	4	0	0	0	0	0	0	
Líbia	0	0	0	0	302	0	0	0	
Mali	0	0	750	9.000	9.000	0	0	33.000	
Niger	0	0	0	0	0	0	0	2.000	
Nigéria - OPEP	503.130	503.898	208.234	417.696	554.752	533.921	825.919	646.737	
Senegal	0	0	0	49.352	24.218	16.755	108	14.068	
Serra Leoa	0	2.500	0	0	65	0	0	3.000	
Togo	0	0	0	0	4.000	6.214	0	9.000	
Subtotal	538.838	571.972	264.880	586.801	760.973	729.094	1.142.418	977.350	
Região Central - Subsaara									
Camarões	0	0	0	0	0	6.300	0	8.000	
Congo	11.600	0	0	0	7.500	8.200	24.700	7.379	
Gabão	2	0	0	0	0	0	0	0	
Rep. Cen. África	0	0	0	0	0	0	0	9	
Subtotal	11.602	0	0	0	7.500	14.500	24.700	15.388	
Total da África	1.352.837	1.369.887	821.819	2.301.327	2.109.988	2.091.168	2.889.057	3.075.625	
Oceania									
Austrália	0	15	15	0	16	16	0	0	
Filipinas	0	0	0	0	233.090	14.022	21.132	55.032	
Nova Zelândia	103	103	265	112	112	215	148	173	
Total Oceania	103	118	280	112	233.218	14.253	21.280	55.205	

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados primários de SECEX/DECEX.

TABELA 3 - Quantidade de Açúcar Brasileiro Exportado para Regiões Geo-Políticas/Blocos Econômicos e Países, 1992 a 1999

Região geo-política	(em t)							
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
(continua)								
América Central e Caribe								
Panamá	3.462	188	312	180	165	143	259	6.486
Anguila	0	1.300	0	0	0	0	0	0
Antigua Barbuda	0	0	0	22	0	0	0	0
Antilhas Holandesas	0	0	0	0	447	4.569	538	2.516
Aruba	0	0	0	0	0	14.000	0	22
Bahamas	0	239	638	0	0	0	990	0
Cuba	0	5	6	28	0	0	0	3
Haiti	0	0	0	1.000	0	30	0	0
Jamaica	43	109	101	15.271	19.126	11.806	5.900	48
Porto Rico	31	47	0	4.316	0	0	0	0
Rep. Dominicana	0	0	12	14.020	0	9	6.508	111.554
Trinidad e Tobago	6.000	2.500	0	44.104	27.358	14.000	15.420	9.650
Virgens, Il. Br.	0	0	0	0	0	0	14.000	0
Total América Central e Caribe	9.536	4.388	1.069	78.941	47.096	44.557	43.615	130.279
Ásia								
Oriente Médio								
Arábia Saudita - OPEP	15	0	0	28.000	16.000	16.000	177.500	211.483
Chipre	0	0	0	0	0	0	0	130
Emir. Árab. Unidos - OPEP	0	0	0	0	6.854	498.755	429.257	438.913
Iraque - OPEP	0	12.658	0	0	0	105.500	78.879	52.375
Irã - OPEP	186.600	208.000	166.000	247.298	42.906	213.567	172.000	490.457
Iemen	25.700	132.950	15.500	110.550	291.455	343.960	111.200	288.550
Israel	0	0	0	100	19.276	0	500	0
Jordânia	91.150	127.126	48.000	197.199	216.987	191.430	487.446	90.600
Líbano	0	0	14.000	11.000	0	0	0	66
Síria	41.578	14.309	14.000	72.400	82.375	14.000	45.166	57.300
Turquia	0	3.650	0	30.650	11.024	14.000	0	0
Subtotal	345.043	498.693	257.500	697.197	686.877	1.397.212	1.501.948	1.629.874
Restante da Ásia								
Indonésia - OPEP	0	0	0	93.600	0	70.070	571.351	276.624
Sri Lanka	34.000	82.288	197.866	154.737	104.000	117.100	163.150	359.900
Malásia	44	88	45	0	0	0	128.388	339.876
Nepal	0	0	11.700	0	0	0	0	0
Paquistão	1.500	14.000	0	0	99.967	42.350	0	16.500
Vietnã	0	0	0	12.800	0	0	28.318	15.000
Bangladesh	0	35.000	14.025	12.150	57.200	38.762	23.750	82.500
China	0	0	0	436.619	2.000	35.808	33.000	24.400
Cingapura	0	0	0	0	26	0	92.400	98.305
Coréia do Norte	0	0	0	0	0	15.000	0	0
Formosa (Taiwan)	176	441	792	0	0	678	658	538
Coréia do Sul	0	0	0	25.000	0	0	0	0
Hong Kong	1	0	0	53	15	5.750	7.500	0
Índia	0	0	1.484.175	471.055	28.000	101.925	70.900	410.702
Japão	4	13	7	11	12.046	13.030	45	2.811
Subtotal	35.725	131.830	1.708.610	1.206.025	303.254	440.473	1.119.460	1.627.156
Total da Ásia	380.768	630.523	1.966.110	1.903.222	990.131	1.837.685	2.621.408	3.257.030
América do Sul								
Argentina - MERCOSUL	894	6.967	206.675	169.421	11.417	5.571	7.351	3.170
Bolívia - acordo c/MERCOSUL	230	255	176	801	868	8.297	5.611	28.151
Chile - acordo c/ MERCOSUL	7.003	18.887	28.112	6.447	44.787	32.698	33.603	49.499
Paraguai - MERCOSUL	89	508	4.909	17.263	5.941	171	883	707
Uruguai - MERCOSUL	21.382	49.160	13.094	27.096	91.588	103.426	47.023	91.970
Subtotal	29.598	75.777	252.966	221.028	154.601	150.163	94.471	173.497

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados primários de SECEX/DECEX.

TABELA 3 - Quantidade de Açúcar Brasileiro Exportado para Regiões Geo-Políticas/Blocos Econômicos e países, 1992 a 1999

Região geo-política	(em t)							
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Restante da América do Sul								
Colômbia	2.514	456	860	1.360	1.584	1.138	1.683	2.137
Equador	0	0	0	0	0	0	1	3.413
Guiana	1	3	0	0	1	0	0	0
Guiana Francesa	0	0	0	0	5	10	24	0
Peru	14.500	55.175	4.750	10.085	29.452	19.913	109.620	43.867
Suriname	4	2	18	354	15	7	2	14
Venezuela - OPEP	5.279	0	0	0	1	90	20.384	4.646
Subtotal	22.298	55.636	5.628	11.799	31.058	21.158	131.714	54.077
Total da América do Sul	51.896	131.413	258.594	232.827	185.659	171.321	226.185	227.574
América do Norte								
Canadá	0	0	2	14.000	112.603	122.986	129.993	431.552
Estados Unidos	142.199	187.821	85.419	234.627	370.774	252.909	320.143	203.646
México	919	44	0	0	75.819	47.500	20	23.079
Total América do Norte	143.118	187.865	85.421	248.627	559.196	423.395	450.156	658.277
União Européia								
Alemanha	280	599	78	40	12	0	22	101
Bélgica	0	0	0	6	1	10	0	40
Dinamarca	0	0	0	0	40	0	20	0
Espanha	0	0	2.626	17.097	12.107	1.881	3.054	2.013
França	0	19	13.034	12.760	0	0	3.020	22.244
Itália	0	0	0	13.312	24.645	34.921	12.356	4.584
Países Baixos	1	439	0	51	86	218	24.501	3.082
Portugal	39.649	111.887	61.883	28.001	13.194	26.031	37.968	24.700
Reino Unido	0	0	37.573	0	0	13	42.482	1.158
Suécia	0	0	26.000	0	0	0	0	0
Finlândia	44.300	38.000	18.397	0	0	12.000	0	0
Grécia	0	0	0	4.000	4.085	0	0	0
Subtotal	84.230	150.944	159.591	75.267	54.170	75.074	123.423	57.922
Europa Ocidental								
Suíça	95	190	36	23.457	3.000	0	0	0
Malta	0	0	0	0	43	0	0	0
Subtotal	95	190	36	23.457	3.043	0	0	0
Europa Oriental								
Albânia	0	0	0	0	13.000	0	0	0
Bulgária	82.550	24.000	51.909	58.296	54.000	120.000	94.400	202.824
Eslovênia - ex-Iugoslávia	7	58	8	22	33	39	16	18
Iugoslávia - ex-Iugoslávia	0	0	27	24.345	0	0	0	6.000
Romênia	28.610	43.497	14.000	89.000	235.124	7.000	106.000	167.157
Theca, Rep.	0	0	0	0	0	78	0	0
Subtotal	111.167	67.555	65.944	171.663	302.157	127.117	200.416	375.998
Total Europa	195.492	218.689	225.571	270.387	359.370	202.191	323.839	433.921
ex-URSS								
Belarus - Europa	0	0	0	0	0	0	33.519	0
Estônia - Europa	0	0	130	200	0	14.000	0	0
Letônia - Europa	0	21.600	0	0	0	0	0	0
Lituânia - Europa	0	0	0	0	54.504	14.000	10.749	0
Moldávia - Europa	0	0	0	0	0	14.300	0	0
Rússia, Fed. - Europa	195.215	383.304	45.613	1.043.372	521.661	1.462.430	1.719.972	4.262.307
Ucrânia - Europa	10.579	30.799	5	122.407	130.994	25.000	84.800	39.500
Uzbequistão - Ásia	0	0	0	14.000	0	0	0	21.000
Georgia - Ásia	0	9.003	0	6.000	26.124	11.000	0	0
Total ex-URSS	205.794	444.706	45.748	1.185.979	733.283	1.540.730	1.849.040	4.322.807
Países não identificados	0	40.269	0	0	0	0	0	0
Total geral	2.339.544	3.027.858	3.404.612	6.221.422	5.217.941	6.325.300	8.424.580	12.160.718

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados primários de SECEX/DECEX.

O principal resultado é seguramente o expresso na questão dos ganhos de parcelas de mercado nas regiões importadoras, motivados pela competitividade, fortemente derivada dos menores custos de produção, cuja média é de US\$190/t, em São Paulo, podendo chegar a US\$170/t em alguns casos (WAACK; NEVES, 1998)⁴. Observe-se que esses valores estão abaixo dos custos médios de produção dos países exportadores de cana, os quais variam entre US\$229 e US\$288/t, e bem abaixo dos custos médios de produção de beterraba, que variam entre US\$311 e US\$430/t (CERRO, 1995)⁵.

4 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O subsetor sucroalcooleiro da economia brasileira tem enfrentado perdas em sua rentabilidade, o que ajudou a elevar seu nível de endividamento financeiro, e a atual melhoria nos preços internos do álcool e do açúcar contribuem para reduzir a dívida e aumentar a lucratividade a curto prazo.

Além disso, a expectativa de redução na produção de cana-de-açúcar, de açúcar e de álcool na safra 2000/01 faz o mercado interno assumir grande importância, sobrepujando o mercado externo. Estima-se a produção de cana-de-açúcar em 280 milhões de toneladas, contra 304,3 milhões da safra passada; de açúcar em 14,5 milhões de toneladas, contra 19,6 milhões da safra passada, e de redução, no Centro-Sul, do álcool total para 10,36 bilhões de litros, contra 11,63 bilhões (USDA, 2000⁶ e INFORMAÇÃO UNICA, 2000⁷).

Entretanto, se isso significar perdas relevantes no atual *market share* brasileiro no mercado externo, é necessário refletir sobre a melhor estratégia a ser seguida, posto que os países importadores podem recompôr suas importações

tanto através do aumento da produção interna de açúcar, como é o caso da Rússia, quanto por meio da volta a outros exportadores. Criam-se com isso vantagens, através da formação dos acordos multilaterais regionais, difíceis de serem revertidas no futuro, posto que esses acordos tendem a se tornar a forma mais corrente de realização do comércio exterior.

As vantagens competitivas do Brasil, tal como demonstradas neste estudo, podem, também, ser anuladas pela competição com os adocçantes, principalmente nos países asiáticos, cuja população não tem tradição de saborear alimentos temperados com açúcar de sacarose. Outras formas de perda estão associadas à utilização de barreiras não-tarifárias, ambientais ou sociais.

Assim, as partes representadas pelo setor privado e pelo governo deveriam desenhar políticas e ações estratégicas que contemplem medidas imediatas e mediatas, tais como: importações compensatórias de álcool e de açúcar; incentivos financeiros legais para manutenção dos mercados externos; esforço mais intenso de negociação nos fóruns internacionais; investimento em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, para reduzir ainda mais os custos de produção e os custos de logística; e apoio para estratégias que visem um melhor aproveitamento da escala de produção associada à diversificação produtiva e à criação de novos produtos ou marcas para atingir esses mercados.

Em resumo, o que não se deve deixar acontecer é ficar na dependência das flutuações conjunturais dos mercados interno e externo, principalmente quando eles direcionam, como agora, sinais conflitantes.

⁴WAACK, Roberto S.; NEVES, Marcos F. Competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar. In: ZYLBERSZTAJN, Décio; FARINA, Elizabeth M. M. Q. (Coords.). **Competitividade no agribusiness brasileiro**. São Paulo: PENSA/FIA/FEA/USP, 1998. Mimeo.

⁵CERRO, J. **La actividad azucarera a nivel internacional: política económica y evolución**. México:GEPLACEA, 1995, 101p. Mimeo.

⁶USDA. World Sugar Situation. [Online] Disponível: www.faz.usda.gov. [Capturado em 01 ago. 2000].

⁷INFORMAÇÃO UNICA. São Paulo, v.3, n.34, jul. 2000.